A SOCIEDADE DO CANSAÇO NA PAULICEIA DE LUCIANA TONELLI¹

THE BURNOUT SOCIETY IN LUCIANA TONELLI'S PAULICEIA

Antonio Eduardo Soares Laranjeira²

RESUMO: *Flagrantes do tempo: poema-reportagem na pauliceia*, de Luciana Tonelli, pode ser considerado como um conjunto de poemas que, apesar das singularidades, compõem uma unidade, nomeada pela poeta “poema-reportagem”. Lido como um percurso por São Paulo, o livro expõe, pelo olhar do sujeito lírico *voyeur*, o cotidiano urbano capitalista, em que o tempo é fragmentado e, ora os indivíduos estão submetidos à voracidade e à velocidade das horas, ora ao tempo que permite a deriva do olhar. Neste trabalho, pretende-se, a partir de poemas selecionados, refletir sobre como a configuração da urbe capitalista contemporânea limita as vidas dos cidadãos, dando forma ao que Byung-Chul Han denomina sociedade do cansaço. Por uma abordagem transdisciplinar dos estudos literários, busca-se perceber na lírica de Luciana Tonelli como o sujeito urbano é representado em sua exaustão, bem como em condições favoráveis para a reinvenção de suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Luciana Tonelli. Sociedade do cansaço. Sujeito lírico *voyeur*.

ABSTRACT: Luciana Tonelli's *Flagrantes do tempo: poema-reportagem na pauliceia* can be considered as a set of poems that, despite their singularities, make up a unit, which the poet calls “poem-reportage”. Read as a journey through São Paulo, the book exposes, through the voyeur's lyrical subject's view, the capitalist urban everyday life, in which time is fragmented and, sometimes, individuals are subjected to the voracity and speed of hours, sometimes to the time that allows an adrift look. In this paper, we intend, based on selected poems, to reflect on how the configuration of the contemporary capitalist city limits citizens' lives city, giving shape to what Byung-Chul Han calls the burnout society. Based on a transdisciplinary approach to literary studies, we seek to understand, in Luciana Tonelli's lyric, how the urban subject is represented in its exhaustion, as well as in favorable conditions to the reinvention of their lives.

KEYWORDS: Luciana Tonelli. The burnout society. Voyeur's lyrical subject.

¹ Artigo recebido para avaliação em 08/08/2020 e aceito para publicação em 01/10/2020.

² Professor Associado I do Instituto de Letras da UFBA, da Área de Teoria da Literatura. Doutor pela UFBA, na linha de pesquisa Estudos de Teorias e Representações Literárias e Culturais. E-mail: alaranjeira@ufba.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8986-8305>.

Introdução

Flagrantes do tempo: poema-reportagem na Pauliceia, de Luciana Tonelli (2010), é um livro sobre o tempo, como afirma a própria poeta, na orelha do livro:

[...] vivendo na capital paulista, me vi enredada no paradoxo que costuma desafiar seus moradores: muito a vivenciar, sem tempo nenhum. Resolvi, então, percorrer com a escrita poética este tema: a relação que nós, urbanos, contemporâneos, travamos com o tempo. Busquei encarar esse paradoxo na sua profunda relação com o *modus operandi* do mundo pós-moderno, em que São Paulo é um ícone brasileiro (TONELLI, 2010).

Trata-se, portanto, de um livro de poemas sobre o tempo, mas também sobre o espaço; sobre a relação que os indivíduos contemporâneos mantêm com o tempo e o espaço e, nesse contexto, como vivenciam suas relações com o outro. Trata-se, ainda, de um livro sobre como tais indivíduos são afetados psiquicamente pelo *modus vivendi* na sociedade capitalista contemporânea. O tempo e o espaço representados na lírica de Tonelli são o tempo e o espaço da cidade engendrada nesse contexto específico, muitas vezes, de modo a tornar precárias as condições para uma existência livre de coerções aos que vivem sob o imperativo do desempenho.

Por meio de uma mirada panorâmica sobre os poemas de Tonelli, pretende-se, aqui, cartografar alguns desses “flagrantes”, buscando-se compreender de que modos essas vivências podem se articular com o modelo apresentado pelo filósofo Byung-Chul Han (2017) para interpretar o que denomina sociedade do cansaço. Para compreender os caminhos alternativos propostos pela lírica de Tonelli, dialoga-se² com o pensamento deleuziano desenvolvido em “A literatura e a vida”, com vistas a estabelecer uma relação entre a ideia de literatura como um empreendimento de saúde e o que se delineia nos versos da poeta.

Flagrantes da sociedade do cansaço: o sujeito lírico *voyeur* de Luciana Tonelli

No poema de abertura, intitulado “Poema das horas possíveis”, pode-se observar o teor que perpassa os versos de todo o livro de Tonelli:

Poema das horas possíveis

Estes são poemas urgentes, apressados
poemas espremidos da ampulheta
roubados de algum minuto distraído.

Poemas da hora, poemas-vidraça
recebendo a primeira pedra: datados!

Estes são poemas estriados
extraídos da cidade estressada.
São poemas de hora marcada.

Quem dera um poema desocupado
equilibrista na fluidez do acaso.

Quem dera um poema de derramar a alma
poema de calma e presença.

Quem dera o poema exato no espaço-tempo
fruto de madura artesanaria.

– Mas não –

Estes são poemas de um tempo fracionado
Atravessado, aturdido.

São poemas das horas possíveis,
do tempo em sua ranhura.
(TONELLI, 2010, p. 17)

É perceptível, nos versos, a representação de como o peso da vida em uma cidade acelerada e estressada recai sobre aqueles que vivenciam esse cotidiano. Assim como a cidade, os poemas são urgentes e apressados, “espremidos na ampulheta”, poemas de um tempo aturdido. Sua condição de existência é a das horas

possíveis, como sugerem as imagens que remetem ao que seria desejável: poemas “roubados de algum minuto distraído”; “um poema desocupado / na fluidez do acaso”; “[...] poema de derramar a alma / poema de calma e presença”. A poeta, ao construir um sujeito lírico que pode ser considerado *voyeur*, traça uma via de mão dupla, em que o sujeito capta os flagrantes a partir do olhar lançado sobre o outro (como jornalista) e, ao mesmo tempo, diz de si mesmo.

Tal concepção de sujeito lírico *voyeur* pode ser compreendida ao se estabelecer uma analogia com o que Silviano Santiago (2012) define como narrador pós-moderno, conforme discutido nos artigos “Poesia e cultura pop: uma leitura de *Eletroencefalograma* e *Animal anônimo*, de Joca Reiners Terron” (LARANJEIRA, 2011) e “O sujeito lírico voyeur de Ramon Mello e Caio Meira” (LARANJEIRA, 2013). Segundo Santiago, o narrador pós-moderno é aquele que, ao assumir uma atitude jornalística, se extrai da ação narrada. O narrador deixa, portanto, de ser percebido como quem lança um olhar introspectivo para as experiências passadas e passa a concentrar seu olhar sobre “os seres, fatos e incidentes” (SANTIAGO, 2012, p. 45, recurso digital). Para o teórico, o narrador pós-moderno olha o outro, para que este fale: “ao dar fala ao outro, acaba também por dar fala a si, só que de maneira indireta” (SANTIAGO, 2012, p.46, recurso digital).

Por essa perspectiva, é pertinente a analogia entre a noção de sujeito lírico *voyeur*, que se distancia das concepções de poesia lírica já consolidadas, associadas com recorrência a uma introspecção constitutiva do sujeito que fala no poema (STAIGER, 1996; ROSENFELD 2006) e a do narrador pós-moderno. O sujeito lírico *voyeur*, pode-se dizer, “por intermédio do prazer de observar o outro, lança-se para fora de si e, paradoxalmente, reflete sobre si mesmo” (LARANJEIRA, 2013, p.33). Ou seja, com base na argumentação de Silviano Santiago, em “O narrador pós-moderno”, aquele que observa, ao olhar, abre uma brecha pela qual o leitor também possa ver.

Em “Subjetividade lírica à margem do centro na poesia contemporânea brasileira e portuguesa”, Goiandra Camargo (2011) traça um breve mapeamento das principais reflexões no contexto da teoria da lírica e flagra uma mudança de percepção no que se refere ao entendimento acerca do eu-lírico, que, na contem-

poraneidade, é visto como descentrado e não como a expressão de uma essência interior. Afirma Goiandira Camargo (2011, [sem paginação]) que

O sujeito lírico se apresenta múltiplo, sem uma forma definida [...]. Embora a escrita poética seja lugar de dispersão, não o é ainda de perda total da subjetividade lírica, que se mantém e se aferra nas vivências das coisas, dos objetos e dos seres. [...] esse sujeito lírico é reflexivo [...], examina a si próprio [...], sem prescindir de fazer do poema uma instância da experiência de vida e de mundo.

Pode-se afirmar, assim, que o sujeito lírico, na produção de Luciana Tonelli, assume feições múltiplas, assumindo perspectivas variadas, como se estivesse em movimento. Esse posicionamento descentrado resulta em “flagrantes do tempo” e do espaço, vivenciados por habitantes da grande cidade representada nos versos, a partir da multiplicidade de olhares lançados pelo sujeito lírico *voyeur* que se constitui nos poemas.

No “Poema das horas possíveis”, o eu-lírico *voyeur* de Tonelli, a despeito do tempo e do espaço fracionados, vê a lírica como contraponto ao estilo de vida acelerado da sociedade do desempenho, como descrita por Byung-Chul Han (2017). E o olhar lançado pelos sujeitos líricos, ao longo do livro, faz ressoar o desejo por experiências que transbordem os limites das horas possíveis, com hora marcada, “do tempo em sua ranhura”. Embora os flagrantes pareçam remeter o leitor a uma vivência asfixiante, a lírica de Tonelli expõe recorrentemente trilhas abertas para a liberação, sobretudo, pela lírica, ou pelo olhar lírico sobre o mundo.

De acordo com Han, o modelo da sociedade disciplinar foi substituído pelo da sociedade do desempenho do século XXI: em outros termos, à negatividade da proibição da primeira, contrapõe-se a positividade da última, marcada pelo *poder* e pelo *fazer* ilimitados, sem excluir, de todo, o *dever*. Iniciativa e motivação são imperativos para o sujeito de desempenho, diferentemente do sujeito da obediência, criado pela sociedade disciplinar. Para o teórico, essa mudança – que implica a maximização da produtividade – já se instalou no inconsciente social, resultando em um “*animal laborans* que explora a si mesmo e [...] deliberadamen-

te, sem qualquer coação estranha. É agressor e vítima ao mesmo tempo” (HAN, 2015, p. 28). Segundo essa perspectiva, embora o sujeito de desempenho esteja livre de uma instância externa dominadora, passa a estar submisso a si mesmo, o que leva à coincidência entre liberdade e coação, identificada por Han:

Assim, o sujeito de desempenho se entrega à *liberdade coercitiva* ou à *livre coerção* de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. [...] Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal (HAN, 2015, p. 30, grifos do autor).

Diante do exposto, é possível travar um diálogo entre o que afirma Han e o poema intitulado “Plantão 24 horas”, cuja sequência de imagens expõe, através do olhar do sujeito lírico *voyeur*, fragmentos de uma rotina comum a muitos trabalhadores nas metrópoles. Tais imagens podem ser associadas com aspectos que Han menciona, ao descrever o sujeito de desempenho, tendo em vista o destaque para a produtividade em prejuízo do bem-estar do trabalhador:

Plantão 24 horas

São vinte e quatro horas para fechar
a conta do dia.

São vinte e quatro produtivas eficazes competentes horas
de sono e vigília.

São vinte e quatro velozes horas computadas
na planilha de metas.

São vinte e quatro horas de conceitos restritos
e respostas em linha reta.

Depois que isso passar, essas vinte e quatro horas
não se sabe o que virá.

Talvez um pouco de vida

Tão instável e precária, tão gratuita
tão aflita

talvez por isso tão temida.
(TONELLI, 2010, p. 21)

Os quatro primeiros dísticos, pelo recurso ao paralelismo, exibem aspectos da sociedade de desempenho relacionados com a experiência do tempo na cidade, aqui delineado como horas produtivas de sono e vigília, “velozes horas computadas na planilha de metas”, “de conceitos restritos / e respostas em linha reta”. Esses oito versos representam a vivência do sujeito de desempenho, o *animal laborans* pós-moderno, cuja necessidade de calcular sua rotina, com vistas a se tornar mais produtivo, resulta na autoexploração mencionada por Han: nos versos, nenhuma instância exterior se mostra como fonte da coerção, entretanto, os acontecimentos expostos reportam a uma circunstância de exploração excessiva de si, condensada no título do poema.

O ritmo imposto pela repetição da estrutura dos primeiros versos dos quatro dísticos iniciais pode ser interpretado como correlato ao excesso de estímulos a que se submete o sujeito de desempenho, pelas imagens que se sucedem, como para evocar uma rotina exaustiva. Ao sujeito de desempenho, não é permitido o descanso. Conforme o teórico, o excesso de estímulos, bem como a sobrecarga de trabalho, fragmenta a atenção, exigindo do “animal trabalhador” um comportamento multitarefa. Longe de interpretá-la como um progresso da civilização, Han afirma que:

A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem. Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido (HAN, 2015, p. 31-2).

Por conseguinte, o teórico considera que, nesse contexto o animal na vida selvagem (e, portanto, o *animal laborans* pós-

-moderno) é incapaz de se comportar de modo contemplativo. As “respostas em linha reta”, são, assim, a representação de um pensar linear, de “conceitos restritos”, que corresponderiam à lógica do desempenho. Todavia, ao contexto opressivo da sociedade de desempenho, Tonelli contrapõe, nos versos finais, imagens que representam um estranhamento diante da ausência da auto-exploração e da autovigilância: depois das vinte e quatro horas, um pouco de vida poderia ser, para o sujeito de desempenho, um espanto, tendo em vista a sua perda da capacidade de contemplar. Desse modo, a um só tempo, Tonelli expõe os mecanismos de controle instituídos na sociedade do cansaço, sem perder de vista as rotas alternativas, os desvios possíveis, como contrapontos à *psicopolítica*, de que trata Han (2018).

Poesia e reinvenção da vida como resistência ao controle psicopolítico

Os contrapontos mencionados, recorrentes nos poemas de Tonelli, sinalizam para um posicionamento da poeta frente à subordinação silenciosa que se impõe sobre os indivíduos. Para tanto, Tonelli propõe um percurso poético pela cidade em que os movimentos e olhares se inscrevem entre os espaços liso e o estriado, entre o próximo e o distante, entre o nômade e o sedentário (DELEUZE; GUATTARI, 1997), como alternativas para escapar ao que a poeta considera na orelha do livro um “profundo mal-estar com os ritmos do mundo” (TONELLI, 2010).

Em poemas como “O livro de horas do metrô #2”, “Anamnese” e “Escândalo”, Tonelli representa o ócio, a contemplação e o não-fazer como potência, como algo que possibilita a criação. Não é por acaso que Tonelli apresenta, ao final do livro, a poesia (vista em todos esses gestos) como forma de resistência ao imperativo do desempenho e como possibilidades de reinvenção da vida:

O livro de horas do metrô #2
para deslocamentos diurnos

entre dez e dezessete o metrô
é conjugado no presente do possível
é possível ver é possível divagar é possível

deixar o olhar passear é possível
(TONELLI, 2010, p.26)

O poema, dedicado aos deslocamentos diurnos pelo metrô, no intervalo dos horários de maior movimento, assinala o tempo do “presente do possível”, um tempo em que é possível ver, e divagar. A princípio, poderia ser interpretado como mais um dos “poemas estriados”, com hora marcada. Por outro lado, nesse átimo, reaprende-se a olhar, em decorrência do descanso furtivo, possibilitado pelo abandono do estado de hiperatenção, da desaceleração do tempo, que resulta numa desautomatização do olhar. É válido destacar que, no terceiro verso, a repetição da palavra “possível”, sem pontuação, permite leituras diversas: é possível ver, ver é possível divagar (assumindo que “devagar” pode ser pronunciada como “divagar”) e divagar é possível. Todas essas possibilidades se abrem, quando o tempo é vivenciado sob o ritmo do desejo de cada um, libertados das amarras de um cotidiano opressivo.

A desaceleração como modo de restauração da potência da vida cotidiana reaparece no poema “Anamnese”, em que, relembrando perdas aparentemente banais, o indivíduo em questão é flagrado em um momento de transformação:

Anamnese

no começo perdia alguns minutos
depois passou a perder a hora
e todos os dias perdia as chaves
a carteira, a sombrinha, a passagem

não deu tempo ainda

perdia então completamente a calma
o olhar, o gesto, a graça
a presença, a possibilidade
tudo em algum tempo lá atrás

não deu tempo ainda

não se sabe quando nem onde ou por quê
suspeita-se que tenha sido aquele dia
em que perdeu o trem e ganhou
algo imenso para ser digerido
não deu tempo ainda

chegou então o tempo de assumir:
perdeu-se
mas não deu tempo ainda
(TONELLI, 2010, p.29)

Se nos dois primeiros quartetos, as perdas comprometiam o desempenho (perder a hora, as chaves, a carteira, a passagem), resultando na perda de calma, do olhar ou da graça, posteriormente, fora do tempo da sociedade de desempenho, a perda é um ganho. Fazer pausas, desacelerar, conforme Han, implica desvios diante do controle psicopolítico do indivíduo. Os versos repetidos entre cada quarteto podem ter sentidos diferentes: em um primeiro momento, reportam à aceleração da vida e à inadequação do indivíduo a esse ritmo; após o diagnóstico posterior à anamnese, “não deu tempo ainda” é um verso que sugere a experiência de uma outra duração, necessária para se digerir esse algo imenso. Nesse sentido, o indivíduo observado e representado no poema perde-se, e o perder-se corresponde a uma pausa no presente e sua inserção no “presente do possível”, mencionado no poema “O livro de horas do metrô #2”, em que o sujeito lírico manifesta o desejo de um “poema de derramar a alma”, um “poema de calma e presença”.

De modo análogo, no poema “Escândalo”, o estado contemplativo, o ócio e a criação figuram como elementos que sinalizam para a viabilidade de alguma resistência face ao imperativo de produzir sob a lógica do desempenho. Por sua vez, outro indivíduo flagrado pelo sujeito lírico *voyeur* oferece uma alternativa, representada nas “cápsulas de tempo” criadas pelo escândalo que perpetra:

Escândalo
para MRK

passou semana inteira
e nada
passou semana inteira na fronteira
nonada
fazendo o absoluto nada
e nisto sendo muito eficiente
sentindo o tempo avançar
e retendo a semente
passou semana inteira neste exercício

laboriosa confecção de cápsulas de tempo
lugar seguro para quando chegar a hora
da grande aceleração
e as cabeças humanas forem ameaçadas
de definitiva sideração
(TONELLI, 2010, p.49)

Ao longo de todo o poema, percebe-se o tempo, que avança, que passa. O verbo “passar”, conjugado no pretérito, pode sugerir que o sujeito representado está ficando para trás, conforme a lógica do desempenho. No entanto, quando se repete “passou a semana inteira”, indica-se a passagem do tempo, mas também o modo como esse sujeito habita tempo e espaço de maneira singular. O sujeito representado em “Escândalo” sente o avanço do tempo, ficando para trás, mas, contemplativo, retém sua semente, “fazendo o absoluto nada / e nisto sendo muito eficiente”. No jogo com as palavras, Tonelli expõe o limite, a fronteira entre comandar e ser comandado: aqui, a eficiência já não se refere às exigências de otimização da produtividade do *animal laborans* pós-moderno, mas é ressignificada e redimensionada para a «laboriosa confecção de cápsulas de tempo». Não se trata das cápsulas para viajar no tempo, mas de criar um tempo-espaço capaz de resguardar o ser humano «da grande aceleração» que pode resultar na sideração, na aniquilação das cabeças humanas. À luz das reflexões desenvolvidas por Han, pode-se cogitar que essa grande aceleração referida no poema resulte no esgotamento, evitado pelo sujeito do poema, que se entrega ao ócio contemplativo e criativo. Sua criação – as cápsulas de tempo – simboliza as possibilidades de divagar, de ver e de criar como exercícios que configuram vias alternativas ao controle psicopolítico do eu.

Nesse contexto, é válido destacar que Byung-Chul Han (2018), relendo o pensamento foucaultiano acerca da biopolítica, afirma que, na sociedade de desempenho, os indivíduos são controlados por meio da psicopolítica. Isto é, de acordo com Han, se, para Michel Foucault, o exercício do biopoder incidia sobre a regulamentação do corpo, com vistas à sua adequação à sociedade disciplinar, no contexto do presente, o controle sobre a *psique* prevalece. Como assinala o teórico,

O neoliberalismo como forma de evolução ou mesmo como mutação do capitalismo não se preocupa primariamente com o “biológico, o somático, o corporal”. Antes, descobre a *psique* como força produtiva. A *virada para a psique* e, em consequência, para a *psicopolítica*, também está relacionada à forma de produção do capitalismo atual [...]. Em vez de *superar* resistências corporais, processos psíquicos e mentais são *otimizados* para o aumento da produtividade. O disciplinamento corporal dá lugar à otimização mental (HAN, 2018, p. 39-40).

Por essa perspectiva, conclui-se que o controle se exerce por meio de estímulos positivos, ao invés da negatividade da coerção disciplinar. Entretanto, *workshops* motivacionais, de inteligência emocional, com o objetivo de se atingir uma otimização pessoal sem limites são, paradoxalmente, fatores que desencadeiam o adoecimento, o esgotamento e o cansaço. Segundo Han, isso se dá pelo fato de que as metas traçadas nunca serão atingidas e disso decorre o sentimento de culpa e fracasso: ao concorrer consigo mesmo, o indivíduo caminha rumo ao adoecimento psíquico, à depressão. Na sociedade do cansaço, o sujeito do desempenho encontra-se esgotado e incapaz de se abrir para o outro, de sair de si.

O que se percebe ao longo do livro de poemas de Luciana Tonelli é a proposta de criar vias alternativas para escapar da autovigilância, autoexploração e maximização da produtividade – para Byung-Chul Han, já instalados no inconsciente dos indivíduos no contexto da sociedade de desempenho do século XXI. A essa condição, Tonelli apresenta como contraponto os desvios, o movimento e a busca por tempos e espaços possíveis como atitudes capazes de conduzir a processos de criação. Considerando-se que muitos dos poemas de Tonelli tratam da criação poética como um modo de resistir aos imperativos da sociedade de desempenho, é válido interpretar a criação das “cápsulas de tempo” pelo sujeito representado no poema de acordo com a concepção deleuziana de literatura como forma de saúde.

Em “A literatura e a vida”, Gilles Deleuze pontua que a literatura é um caso de devir, um processo; um movimento, portanto, sempre inacabado: “uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (DELEUZE, 2013, p. 11). Deleuze concebe o

fazer literário como um “empreendimento de saúde”, ao considerar que escrever envolve estar sempre “entre”, buscar os “desvios necessários criados a cada vez para revelar a vida nas coisas” (DELEUZE, 2013, p. 12). Tal como o sujeito lírico *voyeur*, que olha os outros pela cidade, o escritor, para Deleuze – e para Tonelli –, leva a língua ao delírio, faz com que a língua tenda a um limite, às fronteiras da linguagem. Afirmar Deleuze:

A literatura é delírio e, a esse título, seu destino se decide entre dois polos do delírio. O delírio é uma doença, a doença por excelência a cada vez que erige uma raça pretensamente pura e dominante. Mas ele é a medida da saúde quando invoca essa raça bastarda oprimida que não para de agitar-se sob as dominações, de resistir a tudo o que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco para si na literatura. [...] Fim último da literatura: pôr em evidência no delírio a criação de uma saúde, [...] uma possibilidade de vida (DELEUZE, 2013, p. 15-6).

Pelo delírio, pelas divagações, pelo ócio ou pelo perder-se, representados na lírica de Tonelli, expõem-se, nos interstícios de um tempo-espaco coercitivos, as vidas possíveis, através das mínimas manifestações de indivíduos que resistem à opressão da voracidade da lógica do desempenho, “que [os] esmaga e aprisiona”, com a ilusão de uma liberdade paradoxal, que flerta com a coerção. Trata-se de reinventar a vida, de “revelar a vida nas coisas” como forma de tentar reverter o adoecimento psíquico promovido pelo regime psicopolítico de “otimização mental” e maximização do desempenho, mencionado por Han.

Nesse sentido, compreender o processo criativo como algo inacabado e como um ato de resistência, diante da condição de embotamento que a sociedade capitalista engendra, é fazer desse gesto um modo de ver e de ouvir o que, automatizados, os indivíduos parecem não mais perceber: suas próprias vidas, seus desejos e afetos.

No texto final do livro de Tonelli, essa proposta se apresenta de modo mais explícito em um misto de poema e manifesto, intitulado “Poemanifesto dos Afetos”. O poema se inicia com uma frase que explicita o teor da lírica de Tonelli: “esta é uma brigada

de combate ao medo” (TONELLI, 2010, p.97). O tom combativo é reforçado, quando a poeta afirma: “pela coragem do encontro com o outro qualquer que seja / esse outro contanto que potencialize a vida a vida a vida a / vida a vida” (TONELLI, 2010, p.97). Esse ímpeto combativo remete o leitor à noção deleuziana de máquina de guerra, que, a despeito do nome, não tem a guerra e sua pulsão de morte como objetos. Trata-se de um agenciamento que envolve linhas de fuga, que implicam movimentos de desterritorializações e reterritorializações; são agenciamentos de desejos que se pautam, sobretudo, pelo nomadismo, que permite que a poeta cogite uma potencialização da vida em que “[...] seguimos livres de culpa [...] / [...] de certezas enrijecidas” (TONELLI, 2010, p.97).

Com o subtítulo “pela manifestança da vida em todas as suas minifestações”, deleuzianamente, pelo jogo de palavras, a poeta apresenta a poesia como uma forma de saúde, uma possibilidade de vida, de liberar, por desvios, a vida. O “poemanifesto”, que se apresenta como uma espécie de síntese dos possíveis objetivos dos flagrantes do tempo ao longo do livro, é um chamado para a guerra contra “ao aparato político econômico / midiático que sustenta a farsa do capital [...]” (TONELLI, 2010, p.98); para que, de forma lúcida, se possa “enxergar onde é gestada a morte e manter / vivo em nossas mentes em nossos corações o desejo de fortalecer a vida a vida a vida a vida a vida” (TONELLI, 2010, p.98).

É válido destacar duas estrofes do poema, em que tais ideias se concentram:

brindemos à saúde plena saúde livre de medos e culpas
saúde que traz em si a alegria e a amizade e o espanto e a
capacidade de se indignar perante o que parece inevitável
o que diz a lei o que dita o dito o que determina o
destino de uma civilização enferma. brindemos à saúde
das relações [...]

pela poesia que se instala no cotidiano e inaugura novos
espaços de existência e irriga o pensamento e não deixa
que ele se enrijeça e intensifica a vivência do tempo e
lembra ao homem seus valores mais vitais. pela poesia
capaz de realizar a mais alta potência da arte: a reinvenção
da vida.

(TONELLI, 2010, p. 99)

Flagrantes do tempo: poema-reportagem na Pauliceia é, portanto, um brinde à saúde, à literatura como forma de saúde. É a poesia utopia que a poeta afirma em sua lírica, como um convite ao pensamento crítico sobre o presente e sobre o lugar de cada um na cidade contemporânea, no mundo contemporâneo.

Considerações finais

Neste artigo, pretendeu-se abordar de modo panorâmico a lírica de Luciana Tonelli, com base em poemas extraídos do livro *Flagrantes do tempo: poema-reportagem na Pauliceia*. Observou-se que, através dos poemas, Tonelli elabora um percurso pela cidade de São Paulo sob o olhar do sujeito lírico *voyeur*, que, analogamente ao postulado por Silviano Santiago acerca do narrador pós-moderno, fala sobre si mesmo ao dar fala ao outro.

Os sujeitos líricos de Tonelli, *voyeurs* assumindo múltiplas feições, flagram as vivências do cotidiano urbano e expõem o regime opressivo da lógica do desempenho a que se submetem os indivíduos que compõem o que Byung-Chul Han nomeia sociedade do cansaço. Nesse contexto, o indivíduo está sob o controle psicopolítico, de acordo com o qual a coerção disciplinar sobre o corpo é sobreposta pelo controle sobre a *psique*. Com o objetivo de se obter otimização da produtividade, o sujeito do desempenho é impelido à concorrência consigo mesmo, o que resulta em adoecimento psíquico, no esgotamento e na incapacidade de abertura do eu para o outro.

A lírica de Tonelli, em diálogo frequente com o pensamento deleuziano, expõe alternativas para a liberação. Ao desvelar o adoecimento do corpo submetido a um *modus vivendi* opressivo disfarçado de vida livre, a poesia de Tonelli “se instala no cotidiano e inaugura novos espaços de existência”, demonstrando que, mesmo a partir de dentro da sociedade do cansaço, é possível percorrer potentes linhas de fuga e conceber modos saudáveis de ser e estar no mundo.

Referências

- CAMARGO, G.O. Subjetividade lírica à margem do centro na poesia contemporânea brasileira e portuguesa. In: **XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada**, 12, 2011, Curitiba. Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada – Centro, centros; ética e estética. Benito Martinez Rodriguez (org.). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011, Disponível em: [<https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1196-1.pdf>] Acesso em 10 ago. 2020.
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro. Editora 34, 2011.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997, v. 5.
- HAN, B. **A sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.
- HAN, B. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Trad. Mauricio Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
- LARANJEIRA, A. E. S. Poesia e cultura pop: uma leitura de *Eletroencefalodrama* e *Animal anônimo*, de Joca Reiners Terron. **Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.6, p. 29-45, 2011.
- LARANJEIRA, A. E. S. O sujeito lírico voyeur de Ramon Mello e Caio Meira. **Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro. n.9, p.25-39, 2013.
- ROSENFELD, A. **O teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- SANTIAGO, S. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
- STAIGER, E. **Conceitos fundamentais da poética**. Tradução de Celeste Aída Galeão. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1997.
- TONELLI, L. **Flagrantes do tempo: poema-reportagem na Pauliceia**. São Paulo: Peirópolis, 2010.